



SOU MUQUIRANAS E DAI?

Luis Fernando Pereira Rmos Lima

Este artigo foi fruto do EDITAL N° 01/2020 - Premiação Aldir Blanc Bahia
Prêmio FUNDAÇÃO PEDRO CALMON, categoria MEMÓRIA

Apoio financeiro



SECRETARIA
DE CULTURA

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO



Ficha catalográfica gerada pela equipe de Bibliotecárias da Gerência técnica – Getec.

L699s Lima, Luís Fernando Pereira Ramos.
Sou muquiranas e daí? : a história dos homens de saia / Luís Fernando Pereira Ramos Lima. -
2021.
24 f.

Produto editorial produzido através da Lei Aldir Blanc Bahia, Prêmio Fundação Pedro Calmon -
Categoria Memória, 2020.

1. Carnaval. 2. Carnaval - Salvador (BA). 3. Bloco carnavalesco - Muquiranas. I. Artigo científico.
II. Título.

CDD 394.25
20. Ed.

SOU MUQUIRANAS E DAI?

LUIS FERNANDO PEREIRA RAMOS LIMA

Salvador

2021

SOU MUQUIRANAS E DAI?
A HISTÓRIA DOS HOMENS DE SAIA

Este trabalho tem apoio financeiro do Estado da Bahia através da Secretaria de Cultura e da Fundação Pedro Calmon (Programa Aldir Blanc Bahia), via lei Aldir Blanc, direcionada pela Secretaria Especial da Cultura do Ministério do Turismo, Governo Federal.

Salvador
2021



“As Muquiranas, para mim, é a minha vida, é uma coisa que nós criamos com muito carinho e hoje estamos vendo a evolução desse bloco. Hoje como maior bloco de ponta da Bahia”.

Lindolfo Araújo, no carnaval de 2004

Apoio financeiro:



SECRETARIA
DE CULTURA

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO



RESUMO

O trabalho abordado referiu-se ao bloco carnavalesco da cidade do Salvador, As Muquiranas, bloco composto por homens que saem travestidos de mulher durante o período do carnaval. Fundado em 1965, a agremiação resiste ao tempo mantendo suas origens e sendo fiel ao segmento de travestido. Hoje “As muquiranas” contam com mais de 10 mil associados.

Palavras-Chave: Carnaval; As Muquiranas; Bloco; Travestido

SUMARIO

1	INTRODUÇÃO	07
2	O CARNAVAL DA BAHIA	09
2.1	O SURGIMENTO DO TRIO ELÉTRICO	10
2.2	OS BLOCOS DE TRIO	12
3	BLOCOS DE TRAVESTIDOS	14
3.1	AS MUQUIRANAS	15
3.2	AS FANTASIAS	18
3.3	O QUE É SER MUQUIRANAS?	19
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
	REFERENCIAIS	23
	ANEXO	

1 INTRODUÇÃO

O tema escolhido é, sem sombra de dúvida, uma das partes mais importantes (se não a mais importante) do tempo em que o proponente passou para a idealização do trabalho, por muitas vezes o tema escolhido materializa o motivo pelo qual tal indivíduo escolheu determinada profissão.

Em alguns casos o tema seduz o indivíduo ao longo da vida ou o cidadão vai se aproximando durante sua trajetória acadêmica, sem uma proposta definida ou porque não se interessou suficiente por nada que lhe foi apresentado ou porque se interessou por muitas coisas e não se definiu, e assim acabou se perdendo entre as várias vertentes, temporalidades e propostas temáticas. Há também um terceiro caso, o indivíduo acha que o tema escolhido não tem tanta importância perante o corpo docente da instituição e sendo assim terá pouca relevância perante os pares outros trabalhos apresentados, ou seja, o indivíduo tinha vergonha do seu tema, esse era o caso do escritor vós fala.

O carnaval de Salvador é umas das maiores expressões populares e culturais do Brasil, apesar ter sua origem no continente europeu o carnaval ao chegar terras tupiniquins e mais especificamente na Bahia transforma-se em um dos maiores espetáculos do planeta, falando, conhecido e até mesmo exportado para outros lugares. O europeu traz consigo o conceito de carnaval no período colonial e recebe em suas terras um conceito totalmente novo e repaginado de carnaval no século XXI.

O trabalho a seguir traz para o leitor a história de um dos blocos carnavalescos mais tradicionais do carnaval de Salvador, As Muquiranas. Blocos de travestidos onde homens saem vestidos de mulheres e que todo o ano abrilhanta as ruas da cidade com sua irreverência, alegria e energia que contagia a todos, que ficam abismados ao presenciar o desfile do bloco.

O Bloco que conseguiu acompanhar as mudanças sociais, culturais e tecnológicas da cidade do Salvador. As Muquiranas vão nascer da vontade de um homem, seu Lindolfo Araújo de Carvalho, mais conhecido como Charita. Seu Charita presencia a morte de um bloco carnavalesco, porém não deixa o carnavalesco que tinha dentro de si morrer e assim funda um novo bloco que tem o intuito de reunir amigos e conhecidos para brincar o carnaval, seu Lindolfo não tinha a menor idéia do que começou como brincadeira se tornaria um dos maiores blocos do carnaval de Salvador com mais de 10 mil associados.

Como uma brincadeira carnavalesca se tornou uma empresa de entretenimento séria?
Como As Muquiranas conseguiram preservar o estilo de travestidos ao longo do tempo?
Como vai nascer o maior bloco de travestidos do carnaval de Salvador?

Temos como hipóteses as seguintes: Vestir-se de mulher durante o carnaval seria uma forma de explorar o lado feminino do homem. Ao travestir-se de mulher o lado irreverente é explorado no carnaval, fato esse que contribuiria para permanência do estilo. O travestismo seria uma forma de atrair a atenção das mulheres.

O objetivo geral é traçar a história das Muquiranas em sua relação com o gênero de travestidos entre 1965 a 2020 e como objetivos específicos temos: discutir a relação do bloco com os gêneros musicais; identificar a construção de travestidos pelo bloco; analisar a permanência do estilo travestido.

Através de pesquisa descritiva e entrevistas esse trabalho foi feito. Com fontes primárias e secundárias, os resultados desse Trabalho se traduzem em conceitos de forma qualitativa descritos em suas páginas de forma transparente.

Assim convido a todos que embarquem nessa história comigo, ou melhor, que vistam suas fantasias, desfrute e conheça a história desse bloco que a cada ano cresce mais, seduz as novas gerações e faz valer o conceito da palavra irreverência.

2 O CARNAVAL DA BAHIA

As primeiras manifestações parecidas com o que conhecemos como carnaval soteropolitano é datado do século XVII, quando os portugueses trouxeram o entrudo para Salvador. O entrudo ocorria sempre 40 dias antes da páscoa, nessa festa as pessoas jogavam umas nas outras pequenas bisnagas de cera contendo líquidos perfumados ou malcheirosos e por muitas vezes completava a brincadeira com farinha, quase sempre o que no início era brincadeira se transformava em pancadaria generalizada além do emporcalhamento da cidade. Negros libertos e escravos ficavam com o papel de produzir as bisnagas e quase sempre eram os alvos favoritos da bagunça festiva.

O entrudo entrou em decadência na segunda metade século XIX, sendo proibido definitivamente por lei em 1878. Com o fim do entrudo outro modelo de festa carnavalesca tomaria seu lugar, modelo este que seria destinado às elites que frequentavam festas e bailes em associações e teatros e que desfilavam toda sua pompa e esplendor em carruagens, esse estilo de carnaval que se espalhou pelo mundo teve como precursor o carnaval de Nice na França e ficaria conhecido como carnaval à francesa.

O ano de 1844 (ano que foi considerado por muitos historiadores como sendo o primeiro carnaval oficial de Salvador). Foi o ano que ocorreu o primeiro baile carnavalesco de Salvador, organizado pela entidade carnavalesca Recreio no Carnaval, o baile aconteceu na Associação Comercial da Bahia que se localizava no bairro do Comércio. Esses bailes que eram altamente sofisticados e feitos para as elites contavam com orquestras que animavam a festa com polcas, valsas e mazurcas (estilos musicais muito apreciados na época). Tinha também quadrinhas que dançavam no início e no fim dos bailes e contavam com grande rivalidade dos grupos fantasiados.

Os frequentadores desses bailes não se contentaram com os luxuosos salões e logo passaram a organizar cotejos que desfilavam nas ruas com carros alegóricos enfeitados puxados por burros. Agremiações como Cruz Vermelha, Cavalheiros de Veneza entre outras desfilavam na Rua Chile com grande empolgação e demonstrava claramente a rivalidade entre as agremiações.

Outro fator que deu grande visibilidade a esse carnaval “à francesa” foi o aparecimento dos clubes no início do século XX, esses locais que eram ponto de encontro da elite local passaram a sediar os bailes carnavalescos, em clubes como: Associação Atlética da

Bahia (fundada em 1914), Baiano de Tênis (1916) e o Iate Clube (1934). Os bailes nesses locais tinham o caráter elitista e principalmente racista.

O século XX trouxe os automóveis para o desfile das agremiações, onde os endinheirados desfilavam como seus carros enfeitados pela Rua Chile. Em 1906 os pranchões dos bondes também foram utilizados na festa, os bancos e teto eram removidos, cada pranchão abrigava cerca 70 pessoas entre foliões animados que desfilavam com fantasias e mini bandas que animavam o percurso. O Carnaval dos clubes foi um grande sucesso até a década de 1970 quando outra moda tomaria definitivamente o carnaval de Salvador.

2.1 O SURGIMENTO DO TRIO ELÉTRICO

Tudo começou na década de 50 com seu Adolfo Antônio do Nascimento (10/11/1920-15/06/1978) e Osmar Álvares Macedo (22/03/1923- 30/06/1997) que ficarão famosamente conhecidos como Dodô e Osmar. Dodô era radiotécnico e Osmar torneiro mecânico, os dois também eram músicos nas horas vagas e o surgimento do trio elétrico estar ligado diretamente com o apreço musical da dupla e a criatividade que faria nascer o “pau elétrico”, que posteriormente seria chamado de guitarra baiana. Dodô e Osmar, Pau elétrico e o Trio elétrico são os três elementos que transformaram a música baiana e sobre tudo o Carnaval da Bahia.

Em 1938 quando Dodô e Osmar se conheceram através do grupo musical 3 ½, Dodô tocava violão e Osmar cavaquinho. O grupo se apresentava em pequenas festas e encontros de amigos, mas logo os músicos perceberam que o som acústico produzido pelos instrumentos não era alto o suficiente para alcançar a todos, mas isso iria mudar de uma forma surpreendente.

Em 1942 apresentou-se em Salvador o violonista carioca Benedito Chaves, trazendo uma grande inovação, o violão elétrico, que nada mais era que um captador que prendia na boca do violão que ao ser ligado a uma caixa amplificadora potencializava os acordes tocados. Dodô e Osmar que estavam na platéia ficaram impressionados com aquela inovação apesar de ocorrer um pequeno problema, ao potencializar o vilão ocorria o efeito de microfonia.¹

¹Ruído causado em um amplificador pela realimentação do sinal de saída no transdutor de entrada; efeito microfônico, microfonismo

A dupla elétrica como ficaram conhecidos Dodô e Osmar, depois de inúmeros teste e adaptações perceberam que o efeito de microfonia era causado pela caixa acústica do instrumento, os dois então retiram a caixa acústica, pegaram um braço de um cavaquinho de madeira jacarandá maciça, colocaram o captador em baixo das cordas e pronto, resolveram o problema e assim nascia a Guitarra Baiana em 1943.

Em 1950, no desfile no carnaval de Salvador, o grupo pernambucano Vassourinha, que fez bastante sucesso com seu frevo, inspirou a dupla elétrica estava empolgada com o sucesso dos pernambucanos, resolvendo assim subir em um Ford 1929, modificado, com alto-falantes, pintada e enfeitado com confetes e serpentinas, desfilando do Campo Grande sentido Praça da sé. E então não deu outra, a dupla cai nas graças dos foliões presentes e arrasta a multidão atrás da fóbica, como ficou conhecido o automóvel adaptado.

A fóbica trafegava lentamente, dentro do carro, Dodô e Osmar tocavam frevos e marchinhas, com seus paus elétricos Osmar estava preocupado em não atrapalhar o cortejo dos blocos na Rua Chile. Ele virou para Dodô e disse:” Rapaz, tô com medo que a gente seja preso por causa da confusão”. Os dois decidiram pedir para o motorista que parasse o carro e foi quando ouviram do condutor uma resposta emblemática.” Já estamos sem freio e sem embreagem há muito tempo. “Quem estar empurrando é a multidão”. (Maciel, Gil. A artesanal fóbica a ponte do trio elétrico, 22/01/00, Correio da Bahia).

Assim aconteceu o primeiro desfile daquilo que foi o embrião do trio elétrico. O nome trio elétrico veio no ano seguinte em uma curiosa falha. Dodô e Osmar convidaram Temístocles Aragão para ser o terceiro músico a tocar o pau elétrico formado assim o trio elétrico, eles se apresentaram na carroceria de um pick-up Chrysler, com quatro alto-falantes, porém o amplificador embaralhava o som dos três instrumentos, sendo assim desistiram de manter o terceiro pau elétrico, mas o nome pegou e ficou assim trio elétrico.

Com o passar do tempo o nome trio elétrico vai deixar de significar três músicos tocando instrumentos eletrificados (a guitarra baiana) e vai passar a representar o carro que carrega músicos e amplifica os sons por eles produzidos pelo percurso do carnaval.

Entre 1952 e 1956 surgiram concorrentes ao Trio Elétrico de Dodô e Osmar: o Trio dos Cinco Irmãos, o Trio Ypiranga, o Trio Tupinambá entre outros. Dentro do contexto evolutivo onde a cada ano um novo trio e outras novidades eram apresentados ao povo, apareceu um personagem muito importante e emblemático, seu Orlando Tapajós que diferente de Dodô e Osmar, não era músico, mas foi um grande construtor de trios elétricos, foi ele que

construir dois dos trios elétricos mais famosos do carnaval de Salvador: o primeiro foi o trio Tapajós e posteriormente a Caitanave que se tornou ícone do carnaval e levou esse nome para homenagear Caetano Veloso que retorna do exílio político em 1972.

A partir de 1975 duas grandes transformações aconteceram no trio elétrico. A primeira é o aparecimento do cantor de trio, até esse ano o trio tocava exclusivamente música instrumental e o primeiro cantor de trio vai ser Moraes Moreira que se apresentou em cima do trio de Dodô e Osmar.

A segunda mudança em 78 quando se começou utilização do transistor², equipamento eletrônico que possibilitou a troca dos alto-falantes por caixas de som que deu mais força e qualidade sonora aos trios. O responsável por essa mudança técnica foi Wilson Marques que fazia parte da banda Scorpions que posteriormente se chamaria Chiclete com Banana.

Assim como Pedrinho da Rocha trouxe mudanças estéticas para o trio, desde 1980, ao criar alegorias para trio. Entre seus trabalhos destacaram-se, a reconstrução da fôbica, para comemora os 50 anos do trio, fez um trio em forma de caravela para comemorar 500 anos de descoberta da Brasil entre outros trabalhos.

Podemos dizer que o Trio elétrico é sem sombra de dúvidas um dos símbolos do carnaval da Bahia, sua evolução é fantástica e acompanha a transformação do carnaval, sendo assim é uma peça indispensável da folia e quando se pensa em carnaval a imagem do trio surge na mente do folião quase que automaticamente.

2.2 BLOCOS DE TRIO

Na segunda metade dos anos 70 os endinheirados soteropolitanos queriam experimentar o carnaval de rua de Salvador que arrastava multidões, assim grupos de amigos se reuniam contratavam um trio, vestiam-se com uma mortalha³, delimitavam um espaço na rua com uma corda, e assim, nasceram os blocos de trio.

² É um componente semiconductor utilizado como amplificador ou interruptor de sinais ou energia elétrica. É composto de um material semiconductor com pelo menos três terminais para conexão com um circuito externo

³ Era uma fantasia prática, barata e irreverente, contrapartida a tantas “caretas” que ainda povoavam um carnaval moldado ao estilo europeu. A careta era o pierrô mascarado; a mortalha era a liberdade descarada

Amigos de bairros, por exemplo, fundaram blocos como os Internacionais e os Corujas que eram do centro da cidade, outros como Cameleão, Pinel, Eva, Beijo e Crocodilo foram fundados por amigos de escolas e cursinho pré-vestibular. O que a princípio foi criado para organizar uma brincadeira carnavalesca logo passou a se torna um negócio muito lucrativo, a evolução dos blocos de trio acompanhou paralelamente o desenvolvimento tecnológico dos trios e todo aquele que desejasse sair em um bloco desses deveria associa-se, passando por uma espécie de triagem e caso fosse aprovado deveria compra a mortalha que dava acesso ao espaço delimitado pelas cordas. A triagem feita pelos blocos manteve o caráter preconceituoso, racista e elitista dos antigos bailes e clubes de carnaval.

As bandas contratadas por esses blocos começaram a tocar uma espécie de música muito particular que posteriormente ficaria conhecida como Axé Music. Esse estilo musical nascido na Bahia e mais especificamente em cima dos trios elétricos impulsionou mais ainda o sucesso dos blocos de carnaval. O sucesso foi tão grande que esse estilo musical que no começo era produzida e tocada exclusivamente nos trios começou a tocar nas rádios locais e duas coletâneas foram gravadas, a primeira em 1986 e se chamava Bahia Carnaval e Cerveja, a segunda no ano seguinte se chamando Bahia Sol e Cerveja.

A partir daí os Blocos de Trio criaram em Salvador uma indústria do entretenimento que movimentou e ainda movimenta muito dinheiro. Objetivo era levar os jovens das classes A e B para o carnaval de rua cercados por uma corda e protegidos por seguranças. “O EVA já saiu no seu primeiro ano com cerca de 3000 associados” disse Jorge Sampaio, no documentário, Axé: canto de um povo de um lugar, membro da diretoria do bloco EVA.

3 OS BLOCOS DE TRAVESTIDOS

Podemos encontrar na história do carnaval de Salvador relatos de blocos de travestidos desde 1908, com o bloco Cozinha Baiana de Exportação, onde homens travestidos de cozinheiras desfilavam pelas ruas de capital baiana.

Esses incansáveis foliões desempenham cabalmente o papel que representavam, fazendo a bom rir, tal o espírito com que foi organizada a lúdica crítica (...). Seguia-se um arauto, abalizado cozinheiro, empunhando grandiosa colher e comandando suas ajudantes, que eram representados por seis alentados rapazes, vestidos de aventais (...). Viam-se em seguida dois carros com cozinheiros que empurravam grandes trinchetes, seguindo-se após o carro do estandarte, um homem travestido de mulata velha que em uma grande panela mexia o seu vatapá (...). (Diário de Notícias, 2 de março de 1908 apud Menezes, p. 47)

A denominação “bloco de travestido” começou a ser usada no final de 1980, apesar do seu aparecimento quase 80 anos antes. Os blocos desse estilo sofreram forte discriminação de vários grupos sociais e por parte da imprensa baiana como vai demonstrar o jornalista Rogério Menezes.

Recordações boas, más e péssimas. Exteriorizações de subscientes que continuam recalçados, mas que é preciso fazê-los aos olhos dos seus autômatos. Trata-se de uma quantidade exagerada de homens vestidos de mulher, contrastando com os raríssimos casos de uma calça masculina servindo de traje às damas de todas as idades. Chamou a atenção do bom senso este prodígio cuja explicação poderia ser motivo de uma análise endócrino-sociológica (...). (A Tarde, 10 de março de 1943, apud Menezes, p. 72)

Os blocos de travestidos tinham uma expressão muito menor que a dos outros blocos, muitos deles não contavam com trios elétricos, não tinham todo o investimento e a pompa dos outros blocos, não eram também obrigados a cumprir todo o percurso e tinham pouca visibilidade, apesar de chamar bastante atenção quando passavam.

Mas esse estilo de bloco carnavalesco chamou muito atenção de um dos maiores fotógrafos de todos os tempos, o francês Pierre Verger, que fotografou grupos de travestidos

no Rio de Janeiro em 1941, Recife em 1947 e em Salvador em 1950. Afirmando que “Todo o homem tem um lado feminino”.

3.1 AS MUQUIRANAS

As Muquiranas nasceram da criatividade de um grande carnavalesco chamado Lindolfo Araújo de Carvalho, mais conhecido como Charita. Seu Charita saía no carnaval de Salvador em um bloco chamado “A Nega Maluca”, no qual um único homem saía travestido de mulher. Depois da morte de um dos membros da diretoria o bloco acabou, porém Charita queira dar continuidade àquela irreverente brincadeira carnavalesca.

Após uma partida de futebol reunido com os seus amigos Charita teve a idéia de fundar um novo bloco de carnaval que preservasse toda aquela alegria e irreverência que tinha “A Nega Maluca” e com intuito de homenagear as damas da noite, Charita põe o nome do bloco de As Muquiranas.

O bloco foi idealizado em 1965 tendo no ano seguinte o seu primeiro desfile, sua primeira sede na Ladeira da Preguiça (onde morava seu Charita com a sua família). A fantasia era basicamente feita de saco de aniagem usado para transporta açúcar ou farinha de trigo, esse saco acabou virando vestido, que foi confeccionado por com a ajuda de sua mãe Dona Aidê, suas primas Lícia e Leia além de sua esposa dona Florisa. Eram elas que faziam toda a parte da costura da fantasia para cada folião. As Muquiranas sempre saíam aos sábados e tinham como ponto de partida sua sede na Ladeira da Preguiça.

No início era tudo muito amador, a intenção principal era divertir um grupo de amigos que gostavam de extravasar no carnaval e encontrou no estilo travestido a melhor forma de expor seu lado feminino. O bloco nos primeiros anos contratou pequenas bandas de sopro e percussão para animar seus poucos associados, mas que certamente animava e contagiava a todos os foliões pelo percurso.

Uma coisa muito interessante de ressaltar na história do bloco é que na transição entre as bandas de sopro e percussão para o trio elétrico As Muquiranas criaram uma Banda chamada Luz e Cor, e a base dessa banda posteriormente formaria o Gera Samba e que passou a chamar-se É O Tchan. Banda de pagode baiano que fez muito sucesso em meados dos anos 90 e que é nacionalmente conhecida até os dias atuais. Hoje o bloco é puxado exclusivamente por bandas do pagode baiano.

O pagode baiano foi o estilo musical aderido pelo bloco. A alegria, o gingado e por muitas vezes as letras de duplo sentido se encaixaram perfeitamente com a proposta do bloco, segundo Luciano Paganelli (membro da diretoria), o bloco faz consultas com seus associados para definir as atrações que iram puxar o bloco e todos os anos os foliões consolidam a permanência do pagode a frente das Muquiranas.

Os primeiros anos de desfile do bloco coincidem com o período da ditadura militar no Brasil, então logo o bloco sofreu muito preconceito com uma sociedade impregnada por idéias autoritárias e machistas, no qual todo aquele que se vestia de mulher era e ainda hoje é visto como subversivo, se fantasiar de mulher por muitas vezes é confundido com a opção sexual do indivíduo ou, até mesmo, com o travestir.

O travestir não é uma simples construção intelectual, que coloca o artifício como uma categoria dessa sociedade de imagens, em que identidades performativas são constituídas, bem antes das atuais discussões sobre corpo e tecnologia. Não se trata aqui de falar de outro, estigmatizado e/ou espetacularizado, mas do travestimento, como algo que atravessa nossos desejos e emoções, nossas incertezas e nosso lugar no mundo. (...) As possibilidades do jogo vivificam a subjetividade pelo uso de máscaras reside na compreensão da natureza imagética da sociedade atual. A máscara não é disfarce de um vazio existencial, mas uma tática de coexistir numa sociedade onde o primado é a velocidade. (...) sua busca pelo feminino não é outra coisa senão a busca da androgenia, da ambigüidade. A identidade como devir. (LOPES, 2002, p. 22)

Com o passar dos anos o bloco foi crescendo e ganhando mais associados, sendo incorporado definitivamente dentro do carnaval de Salvador. Inicialmente o bloco desfilava exclusivamente no sábado de carnaval no circuito Campo Grande, em 1991, o bloco saiu com dois mil associados e ganhou um segundo dia de desfile que foi a segunda de carnaval, em 1997, As Muquiranas ganharam um terceiro dia para desfilarem, porém esse terceiro dia que foi a terça-feira, o desfile ocorreu no circuito Barra- Ondina, o bloco passou dois anos desfilando no circuito Dodô (1997 – 1998), retornando para o circuito principal do carnaval em 1999. Depois de 21 anos desfilando exclusivamente no circuito Campo Grande, As Muquiranas retornará no ano de 2019 ao circuito Barra – Ondina, na terça de carnaval.

Lindolfo Araujo de Carvalho ficou à frente do bloco por 39 anos, após a sua morte em 2004, dona Florisa se afastou definitivamente do bloco passando a responsabilidade para seus filhos, Luciano Paganelli de Carvalho, Washington Paganelli de Carvalho e Raimundo

Paganelli de Carvalho, atualmente são os três irmãos que estão gerenciando toda a estrutura do bloco.

Com o passar do tempo As Muquiranas cresceram e além de ganhar admiradores em todo o país por sua alegria e irreverência, colecionais prêmios ganhados durante o carnaval.

TROFÉU DODÔ E OSMAR

Ano	Troféu	Ganhador
1993	Melhor Fantasia	As Muquiranas
1994	Melhor Fantasia	As Muquiranas
1995	Melhor Bloco Travestido	As Muquiranas
1996	Melhor Bloco Travestido	As Muquiranas
1997	Melhor Bloco Travestido	As Muquiranas
1998	Melhor Bloco Travestido	As Muquiranas
1999	Melhor Bloco Travestido	As Muquiranas
2000	Melhor Bloco Travestido	As Muquiranas
2001	Melhor Bloco Travestido	As Muquiranas
2002	Melhor Bloco Travestido	As Muquiranas
2003	Melhor Bloco Travestido	As Muquiranas
2015	Bloco de Carnaval destaque	As Muquiranas
2016	Melhor Bloco da Avenida Destaque	As Muquiranas

Fonte: <http://atarde.uol.com.br/trofeudodoosmar/vencedores>

O troféu Dodô e Osmar, foi criado em 1992, para premiar bandas, músicas e blocos que se destacaram durante a festa do carnaval. A premiação é promovida pelo grupo A Tarde, os ganhadores são escolhidos por dois tipos de votação, a primeira é o voto popular o IBOPE (Instituto Brasileiro de Opinião e Estatística), realizar pesquisas públicas durante o carnaval e os candidatos são avaliados nas seguintes categorias: Melhor Bloco - Barra - Ondina, Melhor Bloco - Avenida (circuito Campo Grande), Melhor Bloco Infantil, Melhor Bloco Afro, Melhor Afoxé, Melhor Bloco de Samba, Camarote Mais Animado, Camarote Mais Bonito, Melhor Cantor/Cantora, Melhor Cantor/Cantora Afro, Banda Revelação e Melhor Grupo de Pagode, Melhor Bloco Travestido, Melhor Fantasia. Outras categorias são avaliadas por um júri especializado, categorias essas que são: Melhor Produção de Moda do Artista, Melhor Instrumentista, Melhor Projeto Visual de Trio e Melhor Puxador de Bloco e Carnabusiness.

3.2 AS FANTASIAS

A fantasia é a parte mais bonita dos blocos de travestidos. Enquanto os outros blocos de trio a cada ano perdem mais sua beleza estética transformando suas “fantasias” em uma simples camisa que dar acesso ao espaço cercado por cordas, os blocos de travestidos e especialmente As Muquiranas investem e transformam o percurso com seu colorido, com detalhes e sem perdem a irreverência.

A fantasia está diretamente ligada com o tema e a partir da escolha acontece todo o desenvolvimento da fantasia. Lá nos primeiros anos do bloco a escolha e a confecção eram feitas por Dona Florisa, juntamente com Lícia e Leia. Com o afastamento de Dona Florisa e a profissionalização do bloco, foi contratado o estilista Di Paula que passou a produzir as fantasias, com o falecimento de Di Paulo, Fabio Sandy assumiu a responsabilidade sem deixar a peteca cair e vem mantendo todo o brilho e glamour que As Muquiranas apresentam na avenida.

Temas do bloco As Muquiranas

Ano	Temas
1991	Baiana
1992	Tropicaliente
1993	Cigana
1994	Exaltação à Mangueira
1995	Lambadeira
1996	Caipira
1997	Odalisca
1998	Índia
1999	Frevo
2000	Cowgirl
2001	Pirata
2002	Emilia
2003	Chapeuzinho Vermelho
2004	Branca de Neve
2005	Minnie
2006	Mulher Maravilha
2007	Mulher Gato
2008	Barbie
2009	She-Há
2010	Mundo do Circo
2011	Gueixa
2012	Cleópatra
2013	Afrodite
2014	Mosqueteira
2015	Baiana

2016	Space Girl
2017	Gladiadora
2018	Carmen Miranda
2019	O Cabaré
2020	País das Maravilhas

Fonte: As Muquiranas

As Muquiranas e os outros blocos de travestidos como As Kuviteiras, As Transformistas, As Cabritas, dentre outros, dão um show quando o assunto é fantasia, sempre deixam o carnaval muito mais bonito e sobre tudo irreverente.

3.3 O QUE É SER MUQUIRANAS?

Definir o que um folião Muquiranas sente é algo muito complicado, pois definir emoções é uma folha de papel é certamente uma tarefa ingrata, principalmente emoções que transbordam é um dia de folia carnavalesca. Mas que acredito que encontre um relato que tenta se aproximar ao máximo da experiência de ser um folião Muquiranas.

“Filho meu, Muquiranas para mim é curtir, extravasar, rir, chorar de emoção como em 2010, meu primeiro ano, não acreditava está ali.

Abraçava meus dois melhores amigos da época e chorava, é saber que o ridículo pode ser lindo, é transcender a razão, deixar a emoção fluir, fazer amigos, compartilhar feijão, ser maquiado em clima de festa, é olhar a carinha de cada amigo e ver a expressão de felicidade, é tirar foto com pessoas que nem conheço.

Ser muqui pra mim é acima de tudo saber que através dele (o bloco) eu tenho amigos fortes, e outros seres maravilhosos que apareceram em minha vida. “Uma página a ser sempre escrita na vida a cada capítulo, a cada ano uma emoção diferente” (Haroldo Sacramento Filho, associado Muquiranas há nove anos, Muquicard: 8656, em entrevista em 10/10/2018)

O Bloco consegue propagar o sentimento de família entre seus associados, os novos foliões são indicados por foliões antigos que fazem um cadastro na sede do bloco que hoje se encontra na Avenida Sete de Setembro, no centro de Salvador.

O associado Muquiranas é identificado através do seu cadastro e o folião ganha um cartão chamado de Muquicard, esse cartão contém o nome completo do associado, o número cadastral dado pela sede do bloco, o RG e o grupo sanguíneo.

Muquicard: cartão de identificação do associado Muquiranas.



Fonte: As Muquiranas.

Todo folião faz esse cadastro e recebe seu Muquicard meses depois de se associar ao bloco em sua residência ou retira na própria sede do bloco.

Se nós temos um folião que quer sair no bloco eu tenho que ter a ficha cadastral dele, por uma seria de coisa, para ele receber mala direta, correspondência, email e outra coisa todos os eventos que nós fazemos inclusive o próprio carnaval todos eles têm seguro. Seguro por acidente invalides e por óbito. Caso aconteça com um dos foliões a gente vai ate o cadastro dele porque a família tem direito de receber esse seguro, e aquela coisa isso já fazia parte do Carnaval da Bahia, todos os blocos tinham fichas cadastrais. Se você hoje vai tirando essas coisas, há hoje tiro ficha cadastral, hoje eu tiro aquilo, você vai perdendo sua essência, você vai perdendo sua característica, sua identidade e isso a gente não quer perder. (Luciano Paganelli, entrevista em 23/01/2018)

As Muquiranas também criaram eventos para reunir seus associados e admiradores. O primeiro evento a ser criado é o Muquifest, criado a mais de 18 anos, o evento nasceu com a proposta de celebrar o aniversário do bloco, a festa passou vários formatos e hoje é uma festa exclusiva dos associados, a administração do bloco usa o Muquifest para a divulgação da fantasia. O outro evento é o Muquiverão, festa que ocorre tradicionalmente no mês de dezembro, a festa é uma espécie de esquentar para o carnaval e hoje também é exclusiva para associados.

O bloco mantém tradições lá do seu início como: vender o carnê que vale a fantasia exclusivamente na sua sede (No ano de 2018, pela primeira vez o bloco cedeu algumas

fantasias para serem vendidas através da empresa Central do Carnaval) fato que gerou certa repercussão nas redes sociais e descontentamento por parte de alguns associados.

Colocamos apenas 200 fantasias para atender os turistas, que estão vendendo pelo um preço diferenciado de balcão da central de vendas das Muquiranas. É isso que o folião tem que entender, eu tenho que colocar minha marca exposta junto com uma grande empresa, a minha marca tem que estar ali na Central do Carnaval, junto com o camarote Salvador, com o camarote Club, com o Camaleão, com Vumbora. (Luciano Paganelli, entrevista em 23/01/2018)

A participação do associado Muquiranas é ativa em todas as questões que envolvem o bloco, através das redes sociais, o folião se sente membro da diretoria opina, critica e elogia também.



Passo o ano todo esperando. É o meu momento, uma coisa única. Não me vejo em outro bloco. É muito diferente, é uma energia, uma coisa inexplicável, um amor. Várias emoções num dia só. Eu choro, dou risada, bate ansiedade, fico sem comer (nos dias que antecedem). Tem gente que fala que sou louco, mas é como torcer por um time de paixão mesmo” (técnico em Radiologia Roberto Lima, 40 anos)

Fonte: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/meu-bloco-minha-vida-conheca-historias-de-quem-e-apaixonado-por-um-bloco-de-carnaval/>

É muito visível a participação do associado em tudo que o bloco faz. Ser Muquiranas passar também por participar direta ou indiretamente das decisões.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O carnaval de Salvador é algo fascinante, só quem já esteve presente vai conseguir entender o que em algumas páginas tentei demonstrar, é uma energia surreal ao algo difícil de explicar de forma escrita. A história da evolução do carnaval soteropolitano é algo enigmático, fatos que ocorreram de forma sutil e espontânea tomaram proporções gigantescas e ajudou a torna o carnaval de Salvador na festa que hoje.

Ao estudar a história das Muquiranas pude perceber o nascimento de um bloco de carnaval, como uma coisa que nasceu para ser uma mera brincadeira carnavalesca entre conhecidos se tornou uma mega empresa do entretenimento, suas mudanças, seu crescimento, sua relação com o folião. Tudo isso começou da simples vontade de brincar o carnaval.

Para seus associados o bloco representa o que tem de melhor no carnaval, o verdadeiro espírito carnavalesco, a sensação de liberdade, folia e irreverência, sobre tudo irreverência essa é a palavra chave do bloco. Curtir sem se preocupar com timidez, opção sexual, preconceito. Estar vestido de Muquiranas no meio do bloco no dia do desfile é algo certamente inexplicável, sentimentos bons se misturam e transbordam dentro do folião é algo que faz cada um dos mais dez mil associados contar os dias para a chegada do carnaval, liberta em três dias o Muquirana que estar guardado o ano inteiro.

Sendo assim espero que tenha passado um pouco do que ser Muquiranas, do que se tornaram As Muquiranas e do que é viver o carnaval de Salvador. A festa que veio do continente europeu e que se transformou em um mega evento conhecido em todo o mundo. A mistura que é feita nas ruas de Salvador é sem igual e tudo isso acontece todos os anos de baixo um sol escaldante que aquece os corpos e porque não dizer que aquece os corações de cada pessoa que ali se encontra para brincar, viver e sentir a sensação inigualável proporcionada pelo carnaval.

REFERENCIAS

LOPES, Denílson. **O travestismo**, Jogo de máscaras e simulacro. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.

MENEZES, Rogério. **Um povo a mais de mil**: os frenéticos carnavais de baianos e caetanos. São Paulo: Scritta, 1994.

Museu Casa do Carnaval da Bahia

Sites:

<http://atarde.uol.com.br/trofeudodoosmar/vencedores>

<http://asmuquiranas.com.br/>

<http://g1.globo.com/bahia/carnaval/2014/noticia/2014/02/relembre-fantasias-do-bloco-muquiranas-criadas-por-di-paula.html>

<http://www.carnaxe.com.br>

ANEXO

Muquiranas

Com as Muquiranas
Salientes e bacanas
Tudo é alegria
No carnaval da Bahia

Lá vem as Muquiranas
Pulando e requebrando
Com frescura machona
Feminilidade mostrando

Muquiranas sensação
No Carnaval alegria
É pura sedução
Trazendo paz e magia

São três dias de folia
Vem conosco requebrar
Muquiranas contagia
E tem muito amor pra dar

Publicado canto das letras em 09/02/2011, por Jaycon.

<https://www.recantodasletras.com.br/poesiascomemorativas/2782168>